

Infocracia, Tribalismo Digital e a Fragmentação do Espaço Público: Avanço ou Colapso?

Maria Eduarda Cirino de Brito
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O presente trabalho analisa os impactos da infocracia, dos algoritmos e do tribalismo digital sobre o espaço público contemporâneo. Fundamentado em revisão bibliográfica crítica, articula conceitos como midiatização, bolhas informacionais e câmaras de eco para refletir se a hiperconectividade representa uma ampliação democrática ou o colapso do debate coletivo. Conclui-se que, embora as tecnologias ofereçam potencial participativo, a lógica algorítmica atual tende a fragmentar o diálogo público em comunidades fechadas, limitando a escuta e a convivência com a diferença.

PALAVRAS-CHAVE

Infocracia; Algoritmos; Bolhas informacionais; Tribalismo digital; Espaço público.

CORPO DO TEXTO

Vivemos em uma era marcada pelo paradoxo da hiperinformação e conectividade. Jamais foi possível produzir, consumir e compartilhar tanta informação, com tantas pessoas ao mesmo tempo, em todo lugar do mundo. Mas, o que deveria ser uma oportunidade histórica de crescimento, desenvolvimento e conexão, aos poucos tem se tornado uma verdadeira ameaça ao espaço público, ao aprofundamento democrático e a ampliação do debate coletivo, revelando muitas das vezes um grande cenário cheio de ruídos comunicacionais, polarização, e isolamento.

O espaço público segundo Jürgen Habermas, é um ambiente físico e simbólico onde as pessoas podem debater, formar ideias e construir consenso sobre a sociedade que vivem, um território comum, que tem sido drasticamente alterado pelas redes e a lógica

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

algorítmica, deixando de ser um espaço de encontro com o outro, se tornando um lugar fragmentado em bolhas informacionais onde cada grupo fala de si, e entre si, e consome sobre si.

Esse paradoxo molda o acesso ao conteúdo de forma personalizada, contribuindo para a formação de microesferas informacionais, as chamadas *Filter Bubbles*, ou simplesmente bolhas de filtro, conceituadas por Eli Pariser (2011). Essas ditas bolhas não apenas limitam o acesso ao contraditório, mas também reforçam uma visão de mundo preestabelecida, onde o diferente “não existe”. Além disso, quando cada pessoa vive cercada de informações personalizadas, é difícil construir uma visão comum da realidade.

A internet oferece tantas possibilidades de escolhas que acabamos presos nessas bolhas de conteúdos que reforçam nossas opiniões. O resultado é uma sociedade onde a informação, em vez de nos conectar, muitas vezes nos separa ainda mais.

Uma consequência direta seria o crescimento do *tribalismo digital*, expressão de um espaço público em colapso, onde os sujeitos se agrupam em comunidades fechadas que reforçam crenças já estabelecidas e rejeitam o contraditório. Esses grupos, por sua vez, ganham forma nas redes como verdadeiras *tribos digitais*. São comunidades que compartilham interesses, valores, causas e paixões, como acontece em muitos fandoms ou movimentos políticos. Essas tribos oferecem acolhimento, pertencimento e apoio, o que pode ser positivo. Mas, ao mesmo tempo, tendem a se fechar, criando regras próprias e barreiras contra quem pensa diferente. A internet, que poderia ser um espaço de conexão ampla, acaba reforçando fronteiras invisíveis entre “nós” e “eles”.

O autor Cass Sunstein (2017), usa o termo *câmaras de eco* para descrever espaços onde as mesmas ideias se repetem o tempo todo. Nessas câmaras, tudo o que ouvimos reforça o que já acreditamos. E quando alguém de fora tenta mostrar outro ponto de vista, é comum que seja rejeitado ou atacado. Isso favorece a radicalização de opiniões e enfraquece a tolerância com a diferença. O espaço público da comunicação, nesse cenário, deixa de ser um lugar de encontro entre vozes diversas, e passa a ser um conjunto de grupos fechados. Segundo ele, ao moldarmos algoritmos que favorecem o confronto

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

com diferentes pontos de vista, restauramos a função pública da informação. Caso contrário, a democracia se torna vítima de seu próprio ruído.

Nesse cenário, a esfera pública, que deveria ser o espaço onde debatemos coletivamente as questões que afetam a todos, perde força. A lógica do debate racional e do confronto de ideias dá lugar à lógica da velocidade dos algoritmos, dos likes e do conteúdo mais chamativo para grupos isolados e específicos. A avalanche de informações nos leva a consumir, curtir e compartilhar sem tempo para pensar. Assim, o que deveria nos informar e empoderar acaba nos desorientando e nos afastando ainda mais do diálogo real com o outro.

Assim, se faz mais que relevante o conceito de *Infocracia*, proposto pelo autor sul-coreano Byung-chul Han, como uma chave interpretativa para compreender como o excesso de informação ao invés de promover esclarecimento, desorienta, desmobiliza e obscurece a realidade. Em vez de impedir o acesso à informação, esse novo modelo de dominação nos bombardeia com tantos dados e notícias que acabamos confusos, exaustos e incapazes de refletir com profundidade sobre o que vemos, lemos e assistimos. A lógica das redes é rápida: quanto mais curtidas, mais visibilidade. Quanto mais polêmico ou emocional, mais engajamento.

A infocracia transforma o sujeito contemporâneo em um consumidor de estímulos, e não em um cidadão informado. A lógica da velocidade e da visibilidade, alimentada pelas redes, dificulta a reflexão e encoraja reações automáticas. Nesse contexto, a experiência com a informação passa a ser marcada pelo cansaço, pela dispersão e pela superficialidade. Não se trata de ausência de informação, mas de uma abundância que paralisa, em vez de mobilizar.

Essa mudança no modo como nos comunicamos e consumimos a comunicação também afeta as instituições. O pesquisador Stig Hjarvard (2013) explica que a mídia passou a influenciar a forma como várias áreas da sociedade funcionam — da política à religião, da educação à cultura. Ele chama isso de *mediatização*. Com isso, muitas decisões e discursos passam a seguir a lógica da visibilidade, da popularidade e do impacto, deixando de lado o conteúdo mais aprofundado. O importante deixa de ser o que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

se diz, e passa a ser quantas pessoas vão reagir àquilo. O aprofundamento democrático depende da existência de espaços onde o debate plural seja possível. No entanto, a lógica algorítmica e a mediação promovida pelas redes dificultam esse processo. A participação digital muitas vezes se limita à manifestação de apoio ou repulsa, sem espaço para escuta ou mediação. Assim, embora haja uma aparência de engajamento, falta densidade democrática real.

Nick Couldry (2010) chama atenção para outro problema: mesmo que muita gente tenha acesso às redes e possa se expressar, isso não significa que será ouvida. Vivemos uma *crise da voz pública* em que, em vez de conversa, temos uma série de monólogos paralelos, onde cada um quer aparecer, mas poucos querem dialogar. E sem diálogo, não há espaço público de verdade. Ele afirma que o problema não é apenas quem fala, mas quem é ouvido e reconhecido. A saturação das redes cria uma ilusão de participação enquanto marginaliza vozes fora do *mainstream* algorítmico. Ou seja, embora muitos publiquem conteúdos, poucos conseguem furar a barreira da visibilidade. Isso acontece porque a lógica da performance, likes, compartilhamentos e visualizações, define quem será ouvido, e não a profundidade ou relevância do que é dito. Em vez de um espaço comum de escuta, o ambiente digital se torna uma vitrine de egos, onde o discurso mais inflamado ou espetacularizado tende a se destacar. Assim, a promessa democrática da internet se fragiliza, e o espaço público se fragmenta em disputas por atenção, tornando o diálogo real ainda mais raro.

Por fim, autores como Zygmunt Bauman (2001) lembram que vivemos em uma sociedade cada vez mais “líquida”, onde os vínculos são frágeis, as relações duram pouco e os compromissos coletivos se desfazem com facilidade. Essa liquidez atinge também o espaço público, que se fragmenta diante do excesso de informação, da lógica algorítmica e da mediação constante das interações. As redes sociais, ao invés de fortalecerem laços comunitários duradouros, muitas vezes acentuam o individualismo e a efemeridade dos encontros. Mesmo hiperconectados, estamos, muitas vezes, isolados em nossas próprias bolhas informacionais, onde escutamos apenas o que confirma nossas crenças e pertencemos a nichos identitários que reforçam visões de mundo já consolidadas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

O que parece participação pode ser, na verdade, apenas uma performance identitária dentro da nossa “tribo digital”, um espaço onde buscamos aprovação e pertencimento, mas raramente encontramos escuta mútua ou construção coletiva. Assim, a promessa de uma comunidade conectada se dissolve em uma sucessão de interações voláteis, guiadas por afetos instantâneos e validações superficiais.

Diante dessa situação, fica o questionamento: estamos realmente mais informados e conectados, ou apenas imersos em um mar de dados que nos afasta da escuta e da convivência democrática? A infocracia, os algoritmos e o tribalismo digital não são apenas fenômenos tecnológicos, mas transformações profundas na maneira como vivemos, nos relacionamos e participamos da vida pública, um reflexo social de como nos relacionamos em um ambiente onde a linha entre online e realidade é tênue.. O espaço onde antes poderíamos encontrar o outro, debater ideias e construir sentidos em comum está sendo substituído por bolhas personalizadas e por conflitos simbólicos entre tribos.

Isso não significa que as tecnologias digitais sejam inimigas da democracia. Pelo contrário, elas oferecem ferramentas poderosas de participação, organização e expressão. Elas foram, e são, fundamentais para dar voz a minorias, articular movimentos sociais e promover debates que antes não encontravam espaço. O problema está na forma como essas ferramentas são usadas e na lógica que as sustenta. Quando o engajamento vale mais do que a escuta, quando o número de curtidas importa mais do que o conteúdo, e quando só conversamos com quem pensa igual, deixamos de lado as bases simbólicas que sustentam o espaço público.

Portanto, mais do que aprender a lidar com a tecnologia, é preciso reaprender a dialogar. A construção de um espaço público saudável e plural passa pela criação de ambientes que estimulem a escuta, o encontro e a convivência com a diferença. Só assim poderemos transformar a informação em conhecimento, a conexão em comunidade e a participação em cidadania real.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COULDRY, Nick. Why voice matters: culture and politics after neoliberalism. London: SAGE Publications, 2010.

HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HJARVARD, Stig. A midiatização da cultura e da sociedade. In: MARTINO, Luís Felipe; HOLANDA, Fábio. Midiatização da comunicação: teorias e métodos. São Paulo: Paulus, 2013. p. 23-44.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

PARISER, Eli. The filter bubble: what the internet is hiding from you. New York: Penguin Press, 2011.

SUNSTEIN, Cass R. #Republic: divisiveness in the age of social media. Princeton: Princeton University Press, 2017.

TURKLE, Sherry. Alone together: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT09NE - Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.